

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Jean dos Santos Silva¹

Franciele de Carvalho Ferreira²

Matozalém de Sousa³

Mauri Alves da Silva⁴

Ricardo Furtado de Oliveira⁵

Resumo: Este artigo discute o papel do professor de língua estrangeira no desenvolvimento da autonomia do aprendente. A autonomia na aprendizagem de línguas envolve a capacidade do aluno de assumir a responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem, estabelecendo metas, selecionando estratégias e avaliando seu desempenho. O professor atua como facilitador, criando um ambiente que incentiva a tomada de decisões, a autorreflexão e a autorregulação. O objetivo do estudo é investigar como o professor pode promover a autonomia no aprendente de língua estrangeira e refletir sobre práticas pedagógicas que facilitem esse desenvolvimento. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como método, com a análise de materiais já publicados na literatura e artigos científicos. Os autores citados incluem Benson, Dickinson, Ellis e Shintani, Freire, Little, Richards e Schmid, Taylor e Vygotsky. O estudo busca contribuir para uma melhor compreensão do papel do professor no desenvolvimento da autonomia do aprendente de língua estrangeira durante o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino-aprendizagem. Línguas Estrangeiras. Professor.

1 Mestrando em Formação de Professores de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidad Europea del Atlántico. E-mail: profjeansantos.edu@gmail.com

2 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: francarvalho051186@gmail.com

3 Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: matozalem.sousa@ifma.edu.br

4 Doutorando em Teologia pela Logos University International. E-mail: mauriluciane@yahoo.com.br

5 Doutorando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. E-mail: ricardopsicologo@live.com

Abstract: This article discusses the role of the foreign language teacher in developing learner autonomy. Autonomy in language learning involves the student's ability to take responsibility for their own learning process, setting goals, selecting strategies and evaluating their performance. The teacher acts as a facilitator, creating an environment that encourages decision-making, self-reflection and self-regulation. The objective of the study is to investigate how teachers can promote autonomy in foreign language learning and reflect on pedagogical practices that facilitate this development. Bibliographical research was used as a method, with the analysis of materials already published in the literature and scientific articles. Authors cited include Benson, Dickinson, Ellis and Shintani, Freire, Little, Richards and Schmid, Taylor and Vygotsky. The study seeks to contribute to a better understanding of the teacher's role in developing the autonomy of foreign language learners during the teaching-learning process.

Introdução

O presente trabalho tem como tema o papel do professor de língua estrangeira (LE) no desenvolvimento da autonomia do aprendente de LE durante suas práticas pedagógicas, isto é, propiciar as circunstâncias necessária para o aprendente desenvolver sua autonomia durante o ensino de LE.

Nesta perspectiva, construiu-se questões que nortearam este trabalho:

- a. O que é autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras?
- b. Como o professor de língua estrangeira pode propiciar o desenvolvimento da autonomia do aprendente?

Autonomia na aprendizagem de línguas refere-se à capacidade do aluno de assumir o controle e a responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem, tomando decisões sobre o que, como, quando e onde aprender. Segundo Holec (1981, p. 3), “autonomia é a capacidade de assumir a responsabilidade pelo próprio aprendizado, tanto em termos de definição de objetivos quanto de processo e avaliação”. Envolve a habilidade de estabelecer metas de aprendizagem, selecionar estratégias adequadas, monitorar o progresso e avaliar o próprio desempenho.

O papel do professor nesse processo é fundamental. Ele atua como facilitador, orientando os alunos a desenvolverem a autonomia e fornecendo suporte adequado. Segundo Benson (2011, p. 21), “o professor pode desempenhar um papel crucial na promoção da autonomia,

criando um ambiente que incentive a tomada de decisões, a autorreflexão e a autorregulação”. O professor cria um ambiente de aprendizagem que encoraja a autonomia, promovendo a reflexão sobre a aprendizagem, oferecendo escolhas e incentivando a autorregulação.

Neste contexto, o objetivo primordial deste estudo é, pois, investigar como o professor de língua estrangeira pode propiciar o desenvolvimento da autonomia no aprendente de língua estrangeira, bem como refletir sobre as práticas pedagógicas que possibilitem esse desenvolvimento.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura e artigos científicos divulgados no meio eletrônico.

O texto final foi fundamentado nas ideias e concepções de autores como: Benson (2001), Dickinson (1994), Ellis e Shintani (2014), Freire (1997), Little (1991), Richards e Schimid (2010), Taylor (2002), Vygotsky (1978).

Desenvolvimento

A autonomia é um conceito fundamental na educação, especialmente quando se trata da aprendizagem de línguas. É a capacidade de um aprendente assumir o controle de seu próprio processo de aprendizagem, tomando decisões relacionadas aos objetivos, progressão e avaliação do aprendizado. Esse aspecto crucial da aprendizagem autônoma tem sido amplamente discutido e explorado por pesquisadores na área da linguística aplicada.

Segundo Holec (1981), a autonomia é definida como a habilidade de o aprendente encarregar-se de sua própria aprendizagem. Essa definição enfatiza que a autonomia está intrinsecamente ligada à capacidade de tomar decisões em relação à aprendizagem. Crapeau (1985 apud Benson, 2001) complementa essa visão ao afirmar que a autonomia na aprendizagem implica que os objetivos, a progressão e a avaliação do aprendizado sejam determinadas pelo próprio aprendente.

Dickinson (1994) destaca que a autonomia vai além de uma simples metodologia; é uma atitude em relação à aprendizagem. Ser autônomo na aprendizagem é aprender a aprender, desenvolvendo a habilidade de refletir criticamente sobre o próprio processo de aprendizagem. Essa perspectiva enfatiza a importância de os aprendentes se tornarem agentes ativos e

conscientes de seu próprio crescimento.

Freire (1996) destaca que a autonomia na aprendizagem implica a capacidade dos alunos de se assumirem como sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer. Essa visão amplia o conceito de autonomia, reconhecendo que o aprendente não é um receptor passivo de conhecimento, mas um participante ativo na construção de seu próprio aprendizado.

Barbot e Camatarri (1999) enfatizam que a autonomia é um sistema de comportamento que estabelece suas próprias regras de ação. Ser autônomo na aprendizagem implica ter a capacidade de tomar decisões independentes, refletir criticamente e agir de acordo com as próprias convicções e valores. Além disso, Little (1999) acrescenta que a autonomia na aprendizagem envolve a capacidade de distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisões e ação independente. Além disso, destaca que a verdadeira autonomia é demonstrada não apenas no modo como o aprendente aprende, mas também na transferência do que foi aprendido para contextos mais amplos.

Teoricamente, podemos definir autonomia como liberdade e habilidade de gerenciar seus próprios compromissos, o que engloba também o direito de tomar decisões e a responsabilidade por essas decisões. Responsabilidade também pode ser entendida como ser encarregado de algo, mas com a implicação de lidar com as consequências de suas próprias ações. Autonomia e responsabilidade ambas requerem envolvimento ativo e parecem estar inter-relacionadas (Scharle; Szabó, 2000), uma vez que ambas exigem um envolvimento ativo por parte do aprendente. Essa perspectiva reforça a ideia de que a autonomia na aprendizagem implica não apenas tomar decisões, mas também assumir a responsabilidade por elas.

Autonomia é vista, também, como uma capacidade multidimensional que se manifesta de diferentes formas em indivíduos diferentes, e até mesmo um único indivíduo em diferentes contextos ou em épocas diferentes (Benson, 2001). Autonomia diz respeito às pessoas assumirem mais controle sobre suas vidas – individual e coletivamente. Autonomia no aprendizado diz respeito às pessoas assumirem maior controle sobre seu aprendizado na sala de aula e fora dela e, finalmente, autonomia no aprendizado de línguas diz respeito às pessoas assumirem maior controle sobre as razões pelas quais ela aprende outras línguas e sobre as maneiras pelas quais elas aprendem (Little, 2002).

Benson (2001) ressalta que a autonomia é uma capacidade

multidimensional, manifestando-se de diferentes formas em indivíduos e em diferentes contextos. Isso significa que a autonomia pode variar de acordo com as características individuais e as circunstâncias em que a aprendizagem ocorre. Essa compreensão da autonomia destaca a importância de considerar a diversidade de abordagens e estratégias que podem ser adotadas pelos aprendentes autônomos.

No contexto da aprendizagem de línguas, a autonomia está intimamente ligada ao controle que os indivíduos têm sobre seu próprio aprendizado. Little (2002) enfatiza que a autonomia no aprendizado de línguas envolve assumir o controle sobre as razões pelas quais se aprende outras línguas e sobre as formas de aprendizagem utilizadas. É o processo pelo qual os aprendentes se tornam mais autônomos em sua jornada de aprendizagem, tanto dentro como fora da sala de aula.

Taylor (2020) destaca que a autonomia na aprendizagem implica ter habilidade e estar preparado para encarregar-se do próprio processo de aprendizagem. Isso envolve o desenvolvimento de habilidades e a reflexão por parte dos alunos, tornando-os aprendentes mais eficientes. A autonomia não é uma característica estática, mas sim um processo contínuo de desenvolvimento e crescimento pessoal.

A aprendizagem de línguas estrangeiras tem se tornado cada vez mais relevante no mundo globalizado em que vivemos. Dominar uma segunda língua não apenas amplia as oportunidades profissionais, mas também enriquece a experiência cultural e promove a comunicação intercultural. Nesse contexto, o papel do professor é fundamental para garantir o sucesso dos alunos na aquisição de uma nova língua. Nesta seção, discutiremos o professor como facilitador da aprendizagem, bem como se conhecimento linguístico, abordagens pedagógicas e fomentar a autonomia.

O professor desempenha um papel crucial como facilitador da aprendizagem de línguas. De acordo com Vygotsky (1978), a interação social desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem. O professor, ao criar um ambiente de aprendizagem estimulante e participativo, possibilita aos alunos a oportunidade de praticar a língua-alvo e desenvolver suas habilidades comunicativas. Além disso, o professor também desempenha um papel importante na motivação dos alunos, fornecendo feedback construtivo e encorajando-os a persistir em seu aprendizado.

O conhecimento linguístico do professor é um fator-chave na efetividade do ensino de línguas. Segundo Richards e Schmidt (2010), o

professor precisa ter um domínio sólido da língua-alvo, incluindo aspectos gramaticais, vocabulário e pronúncia correta. Esse conhecimento permite ao professor fornecer explicações claras e precisas, corrigir erros dos alunos e modelar o uso adequado da língua. Além disso, um professor com um bom conhecimento linguístico também é capaz de identificar e abordar as dificuldades específicas dos alunos em relação à nova língua, facilitando sua superação.

A escolha e implementação de abordagens pedagógicas eficazes são aspectos fundamentais do trabalho do professor de línguas. Segundo Ellis (2005), abordagens comunicativas e centradas no aluno têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de línguas. Essas abordagens enfatizam a interação comunicativa, a prática significativa da língua e a aprendizagem baseada em tarefas. O professor deve selecionar materiais e atividades adequadas, planejar aulas dinâmicas e promover a participação ativa dos alunos, a fim de criar um ambiente de aprendizagem estimulante e propício ao desenvolvimento das habilidades linguísticas e a autonomia.

O papel do professor na aprendizagem de línguas é de extrema importância. Por meio de sua atuação como facilitador da aprendizagem, detentor de conhecimento linguístico e usuário de abordagens pedagógicas eficazes, o professor desempenha um papel fundamental no sucesso dos alunos na aquisição de uma nova língua. Para tanto, é essencial que os professores estejam atualizados em relação às práticas mais atuais e que promovam a autonomia dos aprendentes.

A promoção da autonomia na aprendizagem de línguas é um tema de grande relevância no campo da educação, uma vez que busca proporcionar aos estudantes maior controle sobre o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades linguísticas. Diversas abordagens pedagógicas têm sido propostas para alcançar esse objetivo, entre elas o ensino centrado no aluno, a abordagem comunicativa, a aprendizagem baseada em projetos e a aprendizagem colaborativa.

O ensino centrado no aluno é uma abordagem que valoriza a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Segundo Moran (2000), essa abordagem prioriza a construção do conhecimento pelos próprios alunos, com o professor atuando como mediador e facilitador. Nesse contexto, os alunos têm a oportunidade de tomar decisões sobre o que, como e quando aprender, desenvolvendo a autonomia em sua trajetória educacional.

Já a abordagem comunicativa, proposta por Savignon (1997),

ênfatisa a comunicação como principal objetivo da aprendizagem de línguas. Nesse modelo, os estudantes são encorajados a interagir em situações reais de comunicação, utilizando a língua alvo de maneira significativa. A promoção da autonomia ocorre por meio da capacidade dos alunos de se expressarem de forma autêntica e de compreenderem diferentes contextos comunicativos.

A aprendizagem baseada em projetos, conforme proposto por Barros (2009), é uma abordagem que visa envolver os alunos em atividades práticas e significativas. Por meio da elaboração de projetos, os estudantes têm a oportunidade de explorar temas de seu interesse, aplicar conhecimentos adquiridos e trabalhar de forma aut noma, desenvolvendo habilidades como pesquisa, organização e resolução de problemas.

Por fim, a aprendizagem colaborativa, proposta por Vygotsky (1978),  nfatisa a importância da intera o entre os alunos para o desenvolvimento de conhecimento. Nessa abordagem, os estudantes são incentivados a trabalhar em grupo, compartilhando ideias, discutindo e construindo conhecimento coletivamente. A promoção da autonomia ocorre pela oportunidade de os alunos assumirem diferentes papéis dentro do grupo, aprenderem com seus pares e desenvolverem habilidades sociais.

Essas abordagens pedagógicas têm em comum o objetivo de promover a autonomia na aprendizagem de línguas, proporcionando aos estudantes a oportunidade de se tornarem protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Ao adotar essas abordagens, os professores podem criar um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e para a formação de estudantes críticos e aut nomos.

A avaliação desempenha um papel fundamental no processo educacional, inclusive na mensuração da autonomia dos alunos na aprendizagem de línguas estrangeiras. Diversas metodologias e instrumentos têm sido propostos para essa finalidade, fornecendo insights sobre o nível de autonomia alcançado pelos estudantes.

Uma abordagem amplamente utilizada por professores é a avaliação formativa, que busca acompanhar o progresso dos alunos ao longo do tempo. Segundo Black e Wiliam (1998), a avaliação formativa envolve feedback contínuo, permitindo que os alunos reflitam sobre seu próprio processo de aprendizagem e façam ajustes. Esse tipo de avaliação proporciona uma visão mais abrangente da autonomia dos alunos, uma vez que considera não apenas o resultado final, mas também o percurso e as estratégias adotadas.

Outra metodologia é a avaliação por portfólio, na qual os alunos selecionam amostras de seu trabalho e refletem sobre o processo de aprendizagem. De acordo com Hamp-Lyons e Condon (2000), os portfólios permitem que os estudantes demonstrem autonomia ao fazer escolhas, refletir sobre seu desenvolvimento linguístico e estabelecer metas de aprendizagem. A análise dos portfólios pode oferecer uma visão abrangente das habilidades e da autonomia dos alunos.

Além disso, a autoavaliação é uma estratégia valiosa para mensurar a autonomia dos alunos. Vários estudos destacam a importância de os estudantes se autoavaliarem e refletirem sobre seu próprio progresso. Falchikov e Boud (1989) enfatizam que a autoavaliação promove a autorregulação da aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia. Pode-se utilizar escalas de autorreflexão, questionários ou rubricas para orientar a autoavaliação dos alunos.

É importante ressaltar que a avaliação da autonomia deve considerar aspectos como iniciativa, autorregulação, tomada de decisões e autoconfiança dos alunos. Portanto, além dos instrumentos mencionados, é necessário adaptar as estratégias e os critérios de avaliação para contemplar esses elementos.

Implementar as abordagens pedagógicas centradas na promoção da autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras traz consigo uma série de vantagens, mas também enfrenta alguns desafios. Vamos analisar esses aspectos com base em estudos e autores relevantes.

Uma das vantagens dessas abordagens é a maior motivação dos estudantes para aprender a língua estrangeira. Deci e Ryan (1985) afirmam que quando os alunos têm autonomia e sentem que têm controle sobre o próprio processo de aprendizagem, eles tendem a se sentir mais engajados e motivados. Essa motivação intrínseca é fundamental para o sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira.

Além disso, a promoção da autonomia permite que os estudantes explorem seus próprios interesses e necessidades linguísticas. Ellis e Shintani (2014) destacam que quando os alunos têm a liberdade de escolher tópicos de interesse pessoal, eles se envolvem mais ativamente com o conteúdo e desenvolvem um senso de propriedade em relação à sua aprendizagem. Isso resulta em uma aprendizagem mais significativa e duradoura.

Outra vantagem é o desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes. As abordagens comunicativas e colaborativas fornecem aos alunos a oportunidade de interagir em situações reais de comunicação,

o que contribui para o desenvolvimento da fluência e da competência comunicativa (Savignon, 1997). A autonomia na aprendizagem permite que os alunos expressem suas opiniões, pratiquem a negociação de significados e se tornem comunicadores mais competentes.

No entanto, a implementação dessas abordagens também apresenta desafios. Um dos principais desafios é a necessidade de uma mudança de papel do professor. Nas abordagens centradas no aluno, o papel do professor é o de facilitador e mediador, o que requer uma postura mais flexível e orientada ao aluno. Thornbury (2006) ressalta que os professores precisam estar dispostos a renunciar a parte do controle e permitir que os alunos assumam mais responsabilidade pelo seu aprendizado.

Outro desafio é a gestão do tempo e do currículo. Nas abordagens baseadas em projetos e colaborativas, é necessário planejar cuidadosamente o tempo e garantir que as metas de aprendizagem sejam alcançadas. Há também a necessidade de integrar habilidades linguísticas com conteúdos relevantes, o que exige um planejamento curricular adequado (Barros, 2009).

Além disso, é importante considerar a heterogeneidade dos alunos e suas necessidades individuais. Nem todos os alunos têm as mesmas habilidades e motivações para a aprendizagem autônoma. Portanto, é necessário adotar estratégias diferenciadas e fornecer suporte adequado para garantir que todos os estudantes possam se beneficiar das abordagens promotoras de autonomia (Little, 1991).

Por fim, a implementação das abordagens pedagógicas que promovem a autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras oferece vantagens significativas, como maior motivação dos alunos, desenvolvimento de habilidades comunicativas e aprendizagem mais significativa.

Conclusão

Diante do exposto, a autonomia na aprendizagem é um elemento crucial para o desenvolvimento de aprendentes independentes e críticos. Através da capacidade de assumir o controle de seu próprio processo de aprendizagem, os alunos podem se tornar agentes ativos na construção do conhecimento. As diferentes perspectivas discutidas neste artigo reforçam a importância da autonomia na aprendizagem e fornecem um panorama abrangente desse conceito essencial na educação.

A autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras é um

conceito fundamental que envolve o aprendente assumindo o controle de seu próprio processo de aprendizagem. Diversos autores, como Holec, Crapeau, Dickinson, Freire, Barbot, Camatarri, Little, Benson e Taylor, contribuíram para essa compreensão. Eles destacam que a autonomia vai além de uma simples metodologia, sendo uma atitude em relação à aprendizagem, envolvendo habilidades reflexivas, tomada de decisões independentes e transferência do aprendizado para diferentes contextos. A autonomia é um processo contínuo de crescimento pessoal, em que os aprendentes se tornam agentes ativos na construção de seu próprio conhecimento, assumindo o controle de sua aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

O papel crucial do professor na aprendizagem de línguas é ressaltado por Vygotsky, que destaca a importância da interação social no processo de aprendizagem. Além disso, Richards e Schmidt enfatizam que o conhecimento linguístico do professor é essencial para fornecer explicações claras, corrigir erros e abordar as dificuldades dos alunos. A escolha e implementação de abordagens pedagógicas eficazes, como as abordagens comunicativas e centradas no aluno, também são fundamentais. Ellis destaca a importância dessas abordagens na promoção da aprendizagem de línguas. Assim, o professor desempenha um papel fundamental no sucesso dos alunos, criando um ambiente estimulante e promovendo a autonomia dos aprendentes.

A promoção da autonomia na aprendizagem de línguas é alcançada por meio de abordagens pedagógicas como o ensino centrado no aluno, a abordagem comunicativa, a aprendizagem baseada em projetos e a aprendizagem colaborativa. O ensino centrado no aluno valoriza a construção do conhecimento pelos estudantes, enquanto a abordagem comunicativa enfatiza a comunicação autêntica. A aprendizagem baseada em projetos envolve atividades práticas e significativas, e a aprendizagem colaborativa estimula a interação entre os alunos. Essas abordagens têm em comum o objetivo de desenvolver a autonomia dos estudantes, permitindo-lhes assumir um papel ativo em sua própria aprendizagem e promovendo o desenvolvimento de habilidades linguísticas e a formação de alunos autônomos e críticos.

Além disso, avaliação desempenha um papel crucial na mensuração da autonomia dos alunos na aprendizagem de línguas estrangeiras. Métodos como a avaliação formativa, a avaliação por portfólio e a autoavaliação são usados para avaliar a autonomia dos alunos, considerando elementos como feedback contínuo, reflexão sobre o processo de aprendizagem e

autorregulação. A implementação de abordagens pedagógicas centradas na autonomia traz vantagens, como maior motivação dos alunos, desenvolvimento de habilidades de comunicação e aprendizagem significativa.

Por fim, futuras pesquisas podem se concentrar na investigação de estratégias específicas que os professores podem adotar para promover a autonomia, bem como explorar os efeitos desse desenvolvimento na motivação e no desempenho dos alunos. Além disso, é importante examinar a relação entre a autonomia do aprendiz e as abordagens pedagógicas utilizadas, visando aprimorar as práticas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Referências

BARBOT, M. J.; CAMATARI, G. *Autonomie et Apprentissage*. Innovation dans la formation. Paris: PUF, 1999.

BARROS, D. C. *Aprendizagem baseada em projetos: uma abordagem metodológica inovadora*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

BENSON, P. *Teaching and Researching Autonomy in Language Learning*. Harlow, Essex: Pearson, 2001.

BLACK, P.; WILIAM, D. *Inside the black box: raising standards through classroom assessment*. Phi Delta Kappan, 1998, p.139-144.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior*. New York: Plenum, 1985.

DICKINSON, L. *Learner Autonomy: what, why and how?* In: LEFFA, V. J. (Ed). *Autonomy in Language Learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 1994. p.2-12.

ELLIS, R. *Instructed Second Language Acquisition*. London: Blackwell Publishing, 2005

ELLIS, R.; SHINTANI, N. *Exploring language pedagogy through second language acquisition research*. London: Routledge, 2014

FALCHIKOV, N.; BOUD, D. *Student self-assessment in higher education: a meta-analysis*. Review of Educational Research, 1989 59(4), 395-430.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática*

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HAMP-LYONS, L.; CONDON, W. *Assessing the portfolio: principles for practice, theory, and research*. Cresskill. New Jersey: Hampton Press, 2000.

HOLEC, H. *Autonomy and Foreign Language Learning*. Oxford: Pergamon, 1981.

LITTLE, D. *Learner autonomy: definitions, issues and problems*. Dublin: Authentik, 1991.

Moran, J. M. *O vídeo na sala de aula*. São Paulo: Papyrus, 2000.

RICHARDS, J. C., & SCHMIDT, R. *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. London: Routledge, 2010.

SAVIGNON, S. J. *Communicative Competence: theory and classroom practice*. New York: McGraw-Hill, 1997.

SCHARLE, A.; SZABÓ, A. *Learner Autonomy. A guide to developing learner responsibility*. Cambridge: Cambridge, 2000.

TAYLOR, J. *The road to autonomy*. English Teaching Professional. Vol. 24. 2002.

THORNBURY, S. *An A-Z of ELT*. Oxford: Macmillan Education, 2006.

VYGOTSKY, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.